



Postal de Boas Festas  
Colagem de folha de pastel (Isatis Tinctoria)  
Acervo do extinto Centro de Estudos Etnográficos  
Dr. Luís da Silva Ribeiro, MAV-3417

Sobre as representações do Natal no artesanato açoriano, Francisco Carreiro da Costa proferiu, ao microfone do Emissor Regional dos Açores, a 21 de dezembro de 1962, a seguinte palestra:

### O NATAL E O ARTESANATO AÇORIANO

Estamos nas vésperas do Natal. Por toda a parte, nas casas mais opulentas como nas mais modestas, sente-se já a grande azafama para a festa próxima. Por causa desta, todo o ambiente se transfigura em aspetos coloridos que encantam os olhos e regalam a alma.

Para tanto, enchem-se as casas de verduras e enfeites numa profusão que só vista e admirada. Nas casas mais opulentas com as mil-e-uma pequeninas e grandes coisas que se prestam às decorações mais originais. Nas casas mais humildes - com os objetos herdados da tradição local, desde as tigelinhas de ervilhaca aos pratinhos de trigo, desde as velhas lapinhas postas com jeito e amor por sobre as cómodas dos quartos de estado.

E vai daí o lembrar que através do artesanato insular se poderão obter os mais diversos e sugestivos motivos e objetos para a presente quadra do Natal.

Em primeiro lugar, e porque o centro da Festa do Natal está precisamente no presépio, há que recordar que os açorianos e, de uma maneira muito especial, os micalenses, encontram nos bonecos de barro, policromado, da Lagoa, uma das mais interessantes manifestações do nosso artesanato. Porque todos, com efeito, são de bom acabamento e traduzem por forma notável a aptidão artística do nosso povo, aí estão eles - os tarecos de barro para povoar quantas grutas, quantas ladeiras, quantas pastinhas de musgo e veios de serradura, compõem os tradicionais presépios da casa rural açoriana.

E porque tais bonecos de barro não são de hoje nem de ontem, mas sim de há séculos, aí temos também os seus ascendentes representados na apoteose admirável de quantas lapinhas e de quantas outras maravilhosas composições saídas outrora dos nossos conventos-lapinhas e composições que foram o encanto dos nossos antepassados e que ainda agora constituem uma delicada afirmação do nosso património tradicional que bem gostaríamos de ver continuada e multiplicada.

E porque se falou de lapinhas, onde a cena presépio e todas as demais se animam com figurações qual delas a mais deliciosa e enternecedora entre as mais exuberantes florações, aí temos dentre o artesanato açoriano, para esta quadra do Natal de Jesus, a extraordinária variedade de flores de papel, de pano, de penas, de escamas de peixe e até de couro lavrado.

O que se tem feito nos Açores desde há séculos a esta parte, neste sector das flores artificiais, é simplesmente maravilhoso podendo afirmar-se que mesmo neste particular da florística artesanal, os Açores dão-nos no mosaico nacional uma das mais vigorosas demonstrações. Tenhamos em vista não só as lapinhas mas igualmente os quadros do Senhor Santo Cristo – manifestação verdadeiramente original no nosso País.

Os papéis recortados – acerca dos quais já daqui falamos há alguns anos – constituem outro recurso de decoração dos interiores das casas, ao longo da quadra natalícia. As franjas bordadas em papéis de cor, para as prateleiras das cozinhas, para as cantareiras e copeiras; os mosqueiros farfalhentos, dependurados do teto dos quartos; as toalhas arrendadas sobre as cómodas e as bancas; as camas dos doces; os papéis, como flocos de espuma a envolver os rebuçados; as estrelas filigranadas das arandelas enfiadas nos castiçais; as próprias marcas de livros de orações – forma uma extraordinária parada do engenho e da arte femininas, nestas ilhas.

E também porque se falou de papéis recortados ocorre referir a presença dos bordados e das rendas no arranjo da casa açoriana – bordados e rendas que constituem outro capítulo de maior interesse no vasto sector do artesanato insular.

Outro capítulo de grande interesse do mesmo artesanato está também na tecelagem cuja produção, no que toca a mantas, tapetes, passadeiras e atoalhados diversos, poderá igualmente contribuir para que o Natal nos Açores venha a ter uma feição muito sua sem o recurso a artefactos importados e na maioria das vezes incaracterísticos.

No capítulo da cestaria, têm, os açorianos, um manancial prodigiosos, já no aspeto utilitário do acondicionamento e do transporte das frutas e dos doces, já no que toca à embalagem das oferendas próprias do tempo, já no que respeita à decoração, porque tanto a lenha para aos fogões como as flores e as verduras encontram nas obras de vimes, de cana, de chorão e até de palha recipiente adequado.

Do mesmo modo – a capacharia regional. Os capachos e as esteiras de espadana, de todas as ilhas, as esteirinhas de palha colorida do Faial, os tapetes de trapos e de penas, igualmente coloridos e ainda os vistosos e fofos capachos de folha de milho, são outro conjunto notável de possibilidade que o artesanato açoriano nos dá par a decoração das casas no tempo do Natal. Sobretudo os capachos de folha de milho, pelos seus diversos formatos, alguns deles como rodas de carros, e pela sua coloração, de um vivo fora do vulgar, podem constituir um grande motivo de decoração não só dos pavimentos como também das próprias paredes.

Quanto à olaria e à cerâmica, aí temos um outro capítulo artesanal de extraordinários recursos. Nos velhos barros de Santa Maria, como nos tarros miniaturais de Vila Franca do Campo, nos vasos saídos das rodas de Sãa Bento, de Angra do Heroísmo, como na louça vidrada e policromada da Lagoa, aí temos, com efeito, um verdadeiro mundo de objetos para imprimir frescura, simplicidade genuinidade e colorido a toadas as casas açorinas. Na verdade, os talhões marienses como as talhas vila-franquenses, as jarras de Angra, como os pratos, as tigelas e as luvas da Lagoa podem fornecer através das suas múltiplas variantes um vastíssimo manancial de elementos para o efeito que temos vindo a referir.

E porque não se compreende a Festa do natal sem ceia, sem doces e sem licores, aí temos nesse interessante capítulo do artesanato açoriano – que é a culinária – outros prodigioso manancial de recursos. Nas sopas como nos peixes, nas carnes de vaca e porco como nas das aves, nos pães doces como nas com-potas, nos mimos como nos pudins, nos licores caseiros como nos próprios vinhos da mesa e licorosos, aí temos um mundo de sugestões para as ementas regionais desta lembrada quadra do Natal.

Finalmente, no capítulo das lembranças e dos brinquedos, dispões o artesanato insular de outro extraordinário manancial. Aqui então, todo o artesanato regional pode, de uma maneira geral, servir a festa do Natal de Jesus, por isso que nos dispensamos de pormenorizar.

Temos, pois, no artesanato açoriano um verdadeiro mundo de possibilidade para que a Festa que se avizinha e para a qual nos preparamos agora, possa ter uma feição própria das nossas terras, sem trairmos um aspeto, sequer do significado cristão da mesma festa e do sentido nacional que é do nosso dever imprimir-lhe.

E não se poderá dizer que aproveitando nós, açorianos, todos esses elementos criados e realizados no nosso meio, não fazemos obra útil.

O artesanato açoriano, através de todas as suas manifestações, merece amparo, compreensão e divulgação, pelos reflexos artísticos, sociais, económicos e turísticos que pode determinar. Daqui o apelo que está no fundo, desta evocação, nas vésperas da grande Festa do Natal de Cristo.

Muitos Boas Festas a todos os quantos nos escutam!

(Arquivo Francisco Carreiro da Costa, Palestras Radiofónicas, Vol. XVIII)